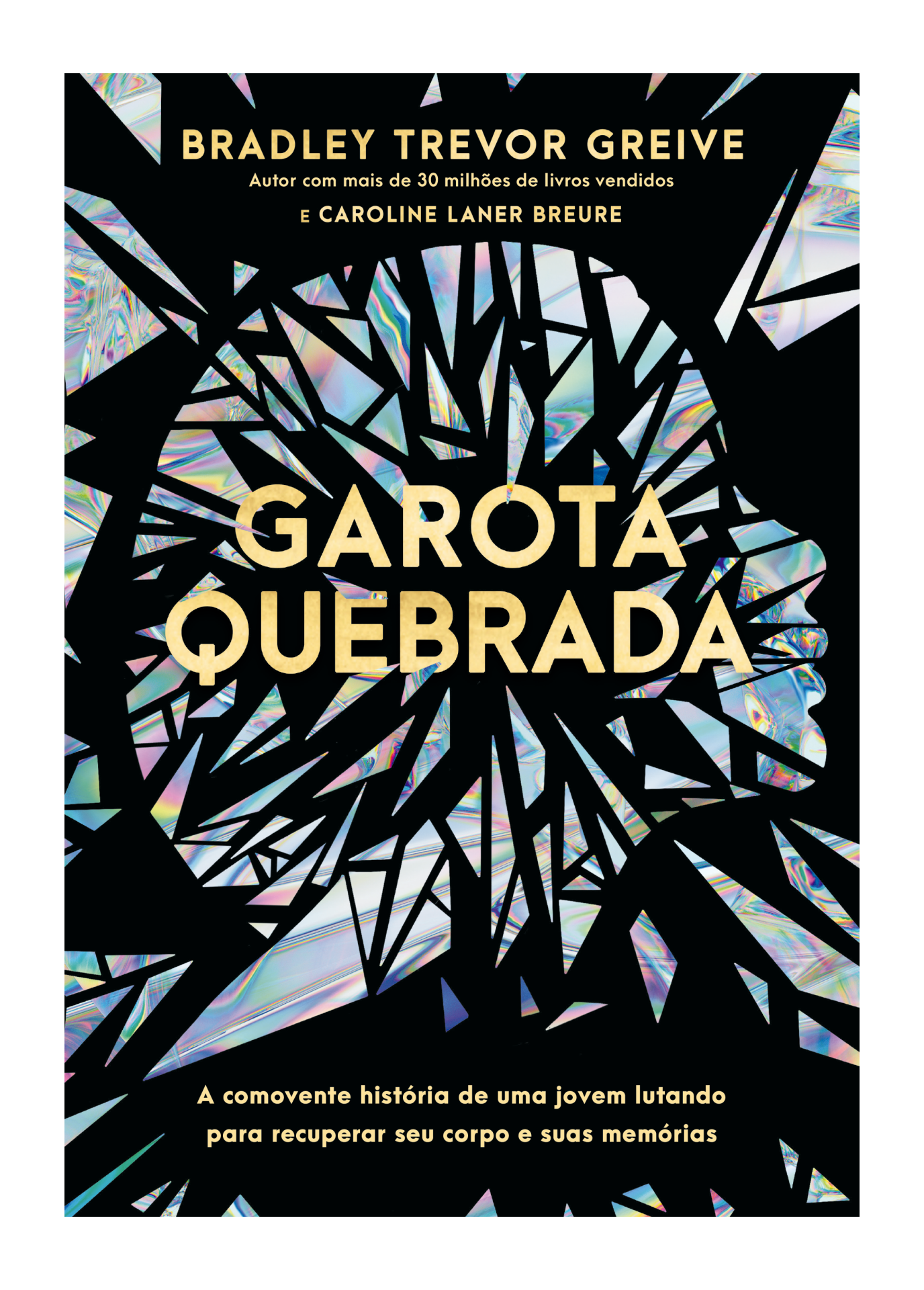




BRADLEY TREVOR GREIVE

Autor com mais de 30 milhões de livros vendidos

E CAROLINE LANER BREURE

GAROTA QUEBRADA

**A comovente história de uma jovem lutando
para recuperar seu corpo e suas memórias**



Para Juceli
A mãe mais corajosa
A amiga mais verdadeira





Mas há momentos, caminhando, em que vejo
meu reflexo no vidro,
digamos, a vitrine da videolocadora da esquina,
e sou tomada por um amor tão profundo

por meus próprios cabelos soltos, meu rosto
ressecado e meu casaco desabotoado
que fico sem palavras:
estou viva. Eu me lembro de você.

– Trecho de “What the Living Do”,
de Marie Howe





Ressalva

Esta é a verdade que eu conheço.
Imperfeita, incompleta.

Algumas lembranças foram alteradas ou trocadas de lugar por uma mente
que se rebelou contra a ordem.

Outras lembranças gritam em um novo despertar, nublando os detalhes,
corroendo os delicados fios de tempo e lugar que alinham estrelas e histórias.

Em alguns momentos, confiei nas lembranças de outras pessoas.
Aqueles mais próximos a mim que observaram minha dor de muito perto.
Alguns que ficaram, outros que partiram.

Onde tudo são sombras e ecos, deixei meu coração me guiar.

Os nomes das pessoas que me feriram foram alterados por uma questão de
decência e bondade.
Não por perdão.

Rostos desaparecem, bocas se confundem, mesmo quando suas palavras
cruéis e seu silêncio ainda mais cruel roem minha memória em carne viva.
Cicatrizes e mais cicatrizes e mais cicatrizes.

No entanto, esta é a verdade.

Que ela nos liberte.





Prólogo

Sou meu próprio mistério.

Nada é o que parece.
Não mais.

Sei que estou despedaçada.

Não chore por quem eu fui.
Minha mãe derramou lágrimas suficientes por todos nós.

Fui roubada dela, mas nunca fui embora.
Ainda sou sua filha.
A mesma garota, a mesma mulher.
Transformada para sempre.

Perfeitamente imperfeita.



Minha história não é sobre o que foi perdido, mas sobre o que foi encontrado.
O que resta é o que mais importa.

Eu me esqueci de tanta coisa.
Mas não me esqueci de como amar.
Portanto, vou começar por aí.





Examine meus pedaços. Por favor.
Procure o melhor de mim.
Este é o meu presente para você.

Aceite as esperanças que me são caras, os sonhos que ficaram pela metade.

Canalize minha raiva para sua forja.
Faça-a arder ainda mais.

Transforme minhas fugazes lembranças em algo bonito para você.

A luz do sol e as risadas.
Os momentos de êxtase.
As lágrimas preciosas.

Se não posso lhe dar isso, então nada mais resta de mim.





20.

Nasci em Campo Grande e cresci em Caxias do Sul, a pacata cidade natal da minha mãe, no sul do Brasil.

Uma vez, quando eu tinha 7 anos, nevou.

Flocos de neve caindo na floresta tropical.

Minha mãe me ensinou que a inteligência era atraente, que a independência era algo poderoso, que o otimismo e a bondade eram tão essenciais quanto água limpa e, acima de tudo, que eu deveria confiar no meu coração.

Meu pai me ensinou a não confiar nos homens.



Com 17 anos, saí de casa para fazer faculdade em Porto Alegre.

Uma cidade divertida e traiçoeira com vista para o rio Guaíba.

Para o bem e para o mal, tudo que era emocionante acontecia ali.

Porto Alegre.

Berço de artistas, músicos, escritores e intelectuais.

Lar do teatro de vanguarda, de fantásticas feiras de livros, rebeliões e histórias de fantasmas.

Morada de caubóis de pernas arqueadas que andavam pelas ruas com seus ponchos cheirando a couro e grama.

Anfitriã caótica de golpes militares, do Carnaval e do crime.

Afinal, estamos no Brasil.

Alguns países escolhem segurança.





Nós escolhemos o samba.

Fui assaltada à mão armada mais de uma vez.
Mas também entreguei minha virgindade a essa cidade. Com muito prazer.

Sempre vou amar esse lugar.



Talvez eu seja a única brasileira que não dança.
Mas adoro festas. Sempre adorei.
Um bolo de chocolate com morangos, uma taça de champanhe.
Em pé na beira da pista de dança.
À deriva no alegre turbilhão de risos e luzes.

Quando eu era mais nova, minhas verdadeiras paixões eram idiomas estrangeiros e matemática, a língua materna do universo visível. Eu tinha orgulho de ser nerd. Ainda tenho.



Uma menina com pressa.

A vida nunca foi rápida o bastante.
Eu queria galopar, voar.
Sentir o vento passar os dedos nos meus cabelos.

O mais longe de casa que eu ia era até Florianópolis, para a casa da minha tia e dos meus primos durante as férias.

Cerrava alegremente os olhos na direção da luz do sol, que dançava sobre a borda cristalina das ondas cinza-esverdeadas.

Minha primeira e única viagem de avião tinha sido para o Rio de Janeiro, a menos de duas horas de casa.





Sabendo que lugares tão maravilhosos existiam, minha mente se enchia de possibilidades radiantes e interessantes.
Viajar pelo mundo era meu grande sonho.

Eu ansiava por tocar e saborear a distância.



Meu plano nem um pouco original era conhecer os Estados Unidos depois de terminar a faculdade.

Aprofundar meus estudos em uma universidade norte-americana. Talvez. Riscar o verniz hollywoodiano, desarmar uma superpotência global, sair com Leonardo DiCaprio.
Ir às compras.

Dias antes de reservar minha passagem de avião para Orlando – para dar início à minha Grande Viagem pela América do Norte –, conversei com um velho amigo de Caxias, da época do ensino médio.

Marcos, um homossexual católico que sempre parecia estar um passo à frente do restante de nós, tinha acabado de voltar para casa depois de passar um ano na Austrália.

Quando falava de Sydney, seu rosto brilhava.

– Praias lindas, ruas limpas, natureza incrível, vida noturna fantástica, surfistas maravilhosos – disse ele. – E nada de armas.

– É o paraíso na terra.

Rasguei meu roteiro para os Estados Unidos.





19.

Eu tinha feito aulas de inglês no Brasil por doze, não, quinze anos.
Tirei nota máxima nos exames de proficiência.
Acima de tudo, tinha visto *Seinfeld* muitas vezes.
Talvez até demais.

Mas nunca havia conversado em inglês com um nativo. Nem um sequer.

Quando aterrissei em Sydney sem escolha a não ser falar inglês, fiquei surpresa ao descobrir que era de fato fluente.

Pelo menos para os padrões Australianos.



Como morei a vida inteira perto da Mata Atlântica, o Pacífico Sul foi uma revelação.

Cé> Céu azul brilhante, mar azul-esverdeado, areia dourada cintilante.

Sydney é uma cidade de dentes brancos e pernas bronzeadas.

Os Australianos pareciam felizes, calmos e abertos.

Sempre prontos para se divertir.

Sorrisos fáceis, sem qualquer pretensão.

Sem preocupações.

Estava tudo lá, à minha espera.

Uma faculdade nova. Um emprego novo. Amigos novos.

Uma vida nova.





Eu queria abraçar todas as possibilidades.

Uma jovem voraz que pede uma porção de cada item do cardápio.
Cada mordida mais doce que a anterior.

Então eu beijei Byron.



18.

Nós nos conhecemos em um aplicativo de namoro.
Nada de especial no início. Estávamos apenas nos divertindo.
Flertando, sentindo um ao outro. Procurando sinais de alerta.

Pela foto do perfil, Byron era bonito, mas não bonito demais.
Gostei disso.
Ele tinha uma expressão gentil e sincera.
Gostei ainda mais disso.

Nosso primeiro encontro aconteceu no início da primavera, numa sexta-
-feira à noite.
Para surpresa de todos, fazia frio. Muito frio, na verdade.

O vestidinho leve e provocante que eu tinha escolhido não iria servir.
Então vesti uma calça jeans, uma camiseta polo preta e um casaco preto de
couro sintético por cima.
O único pedaço de pele que eu estava disposta a revelar era um vislumbre
dos meus tornozelos e dos dedos dos pés, cortesia das sandálias de salto alto.

Estava animada, mas mantive minhas expectativas próximas à triste realidade
dos encontros on-line: 10% têm potencial, 30% são um tédio, 60% são tarados.



Nos encontramos em The Rocks, bairro na histórica orla de Sydney.
Vielas de paralelepípedos e prédios coloniais desgastados pelo tempo.
Uma charmosa armadilha para turistas construída com blocos de arenito
cor de gengibre.





Superlotada? Sim.

Um pouco suja e perigosa? Talvez.

Romântica? Sem dúvida.

Byron me esperava no bar que eu tinha dito que queria conhecer.

Quando ele se levantou, era ainda mais alto do que eu imaginava.

Tipo, alto *alto*.

Fiquei feliz por estar de salto.

Ele também estava de calça jeans, com uma camisa de linho branca, um blazer escuro e mocassins azuis.

Acho que nós dois tínhamos acertado em cheio no visual.

O blazer de Byron, caro e feito sob medida, fazia com que ele parecesse mais velho do que era. Mais dinheiro do que estilo.

Talvez ele não tivesse conseguido se livrar da aparência de jovem executivo. Mas funcionava.

No que dizia respeito às aparências, pelo menos, fazia sentido estarmos juntos.

Parecíamos um casal.

Era um bom começo.



Byron trabalhava com investimentos; seu escritório era bem perto dali.

Eu tinha certeza de que ele ficava lindo de terno.

Fiquei surpresa quando ele admitiu ter ido para casa tomar banho e trocar de roupa antes do nosso encontro.

Ele tinha um cheiro fresco e veranil.

Uma praia quente coberta de flores.

Byron exibia uma leve confiança, mas também parecia um pouco nervoso.





Ele me cumprimentou dizendo que eu era muito mais bonita pessoalmente do que na foto do aplicativo.

Esse é o novo clichê dos encontros marcados on-line, a menos que a primeira impressão seja “um absoluto desastre”.

Nesse caso, você ouviria algo como “Você é tão diferente no seu perfil, no bom sentido”.

Ou seja, “em um péssimo sentido”.

Sorri e dei de ombros para seu elogio banal.

Mas então, enquanto batíamos papo, animados e constrangidos ao mesmo tempo, percebi que Byron me encarava, os olhos brilhando.

Como se eu fosse a mulher mais bonita que ele já tinha visto.

A coisa mais linda que já existiu.

Naquele momento, era exatamente assim que eu me sentia.

Toda a conversinha boba, engraçada e atrevida que havíamos tido pela internet de repente evaporou.

Puf. Sumiu.

O fato de estarmos cara a cara nos atingiu em cheio.

Nosso encontro foi importante para ele.

Para mim também.





17.

Byron era um cavalheiro moderno.

Educado, cortês, mas se sentindo ainda levemente no direito de estar no comando.

Assumi a frente do encontro, apresentando cada etapa de sua programação cuidadosamente estruturada para a noite.

Tudo parecia agradável, e valorizei seu esforço.

Mas ser controlada não faz parte da minha natureza brasileira.

Assim, mudei seu grande plano de imediato.

Joguei fora todos os seus detalhes.

E ele adorou.

Conversamos e rimos, tomamos nossos drinques e queríamos mais.

Mais de tudo.

Parecia o começo de... alguma coisa.



Em vez de ir a pé até o descolado restaurante japonês que Byron havia escolhido a princípio, eu o coloquei em um táxi e o levei a um restaurante vegano de *yum cha* perto da catedral de St. Mary, bem em frente ao Hyde Park. Todas as árvores estavam adornadas com luzinhas douradas.

Byron não era vegano (nem de longe), mas estava com fome e tinha a mente aberta, e confiou em mim enquanto lhe mostrava o cardápio.





A comida estava deliciosa.
A conversa estava maravilhosa.

Uma brasileira e um sul-africano compartilhando o amor por Sydney.
Olhávamos ao redor, para o país que adotamos, com os olhos puros de forasteiros cujo sotaque estrangeiro escondia uma afinidade natural com o estilo de vida australiano.

Já estávamos acostumados a dias quentes no Natal.
Ambos achávamos que chinelos eram calçados apropriados para qualquer ocasião.
Embora em inglês eu chamasse chinelos de *slippers*, Byron de vez em quando se referia a eles como *plakkies*, algo muito sul-africano, o que me fazia dar risada.

Ambos adorávamos chocolate Cadbury, Tim Tam e, para minha surpresa, café; os italianos podiam ter inventado o cappuccino, mas os australianos o aperfeiçoaram.

Byron estava sozinho em seu gosto por Vegemite.
Nenhum de nós gostava de críquete nem de rúgbi.
Byron preferia golfe.
E eu cresci vendo o Grêmio de Porto Alegre.
“Vamos, vamos, Grêmio. Vamos, tricolor!”

Eu me sentia segura e feliz na Austrália.
Eu me sentia segura e feliz com Byron.

Não queríamos impressionar um ao outro.
Não tínhamos nenhuma necessidade de confundir o outro ou nos envaidecer.

Apenas conversamos, de forma aberta e honesta, às vezes séria, às vezes boba e às vezes surpreendente.





Eu estava confortável; era inebriante, divertido.
Risos de todos os sabores.

Fizemos muitas perguntas.
Curiosas, investigativas, mas sempre respeitosas.
Quanto mais nos aprofundávamos, melhor ficava.

Byron adorou conhecer minhas histórias malucas do Brasil.
Ouviu com alegria os trabalhos modestos que eu havia aceitado durante a faculdade.
Minhas desventuras dividindo casa em Sydney também eram um terreno dolorosamente familiar para ele.

Adorei ouvir sobre a infância de Byron na África do Sul.

Sua família imigrara para a Austrália quando ele era adolescente.
Não fora uma transição fácil.
As dificuldades enfrentadas pela família em seu país adotivo o motivaram a graduar-se em finanças em Sydney e a fazer mestrado em Londres.
Era óbv ele se esforçava para tirar o máximo proveito das oportunidades que havia recebido.

Tínhamos muito em comum, em especial a gratidão pelos sacrifícios que nossos pais fizeram por nós.

Vi seu rosto se iluminar sempre que eu falava da minha maravilhosa mãe.

Byron era muito próximo dos pais.
Família era algo importante para ele.

Eu estava me apaixonando.
Não havia nada que eu pudesse fazer em relação a isso.





Não nos levantamos da mesa até que um garçom cansado nos disse timidamente que o restaurante estava fechando.
Era quase meia-noite.

Eu me lembro de passar por baixo da enorme figueira iluminada no pátio do restaurante, torcendo para que Byron pegasse minha mão.
Ele não pegou.

Mas, quando chegamos ao topo da escada da catedral de St. Mary e ficamos diante da sua porta gótica, sob a luz dos holofotes, nos pegamos olhando um para o outro.

Desejando, esperando.

Ele pediu minha permissão sem dizer uma palavra.
Me trouxe para mais perto, me tomou em seus braços e me beijou.
E eu o beijei de volta.
Suavemente.
Depois, não tão suavemente assim.

Eu parei de sentir frio.





16.

A onda de calor na minha boca.
Os batimentos ensurdecadores do meu coração.
Uma abelha dançando em uma caixa de bateria.

Mas e depois?

Ficamos colados um no outro.
Hesitantes, empolgados com o que o futuro próximo estaria nos reservando.

Ergui os olhos e vi as torres de arenito da catedral alcançando os céus.
Era como se aqueles braços dourados gigantesco estivessem convocando
todas as estrelas do céu noturno para testemunhar um novo amor.



Por falta de coragem e de uma ideia melhor, nos soltamos um do outro e
concordamos em tomar uma saideira no Lobo.
Um excêntrico bar cubano subterrâneo a algumas quadras do Hyde Park.

A escada escura que descia para o Lobo tinha um cheiro quente e picante.
O bar em si era uma selva barroca.
Garrafas reluzentes cercadas por antiguidades coloridas, bugigangas espalhafatosas e lembrancinhas de lugar nenhum.
Todos os objetos eram iluminados por velas tremeluzentes, o que fazia o salão balançar e dançar.

Era difícil ouvir qualquer coisa em meio ao burburinho causado pelo público de uma sexta-feira à noite afrouxando as gravatas.





Depois da inocência tranquila do primeiro beijo, aquilo foi um pouco demais.

Mas nos esprememos em uma mesa de canto e pedimos drinque com rum.
O meu era feito com xarope de pinho e suco de limão, decorado com um
lindo dinossauro de brinquedo, que coloquei na bolsa.
Delicioso e encantador.

No início, apenas sorriamos timidamente. Olhando um para o outro.
Como se falar pudesse apagar o beijo dos nossos lábios.

De qualquer maneira, seria difícil conversar até o barulho ao redor diminuir.
Aos poucos, fomos conquistados pelo ambiente inebriante do bar.
Rum açucarado fluindo em nossa corrente sanguínea.

Nossa energia mudou.

A multidão barulhenta parecia onipresente e estranhamente distante.
Um fundo desfocado.

Éramos apenas eu e Byron.

Perdidos voluntariamente em uma imaginária celebração pública de intimidade secreta.
O que não fazia sentido, eu sei.
Mas era tarde, parecíamos estar em um sonho, e a noite era nossa.

A conversa ficou mais animada. Ríamos mais alto.

Viajar?
Meu Deus, como adorávamos viajar, explorar, estar na natureza.
Vamos.

E comida? Comer era nossa paixão.
Eu tinha parado de comer carne poucos meses antes, mas, em vez de me
sentir privada, descobrira um universo de sabores ocultos.





Byron duvidou um pouco disso, mas ficou genuinamente intrigado.

Música?

Nós dois amávamos música eletrônica australiana e francesa.

Byron era um grande fã de Lane 8 e Daft Punk, e eu tinha uma queda por Bag Raiders, Pnau e Phoenix.

Simpatizantes de eletrônico.

Não concordávamos em tudo, mas nossas diferenças resultaram em discussões artificiais que nos fizeram dar ainda mais risada.

Não me lembro de outro encontro tão divertido.

Nem perto disso.

Não havia muito espaço para se mexer em nossa pequena mesa.

Pernas agitadas se enroscando no macramê que enfeitava a mesa.

Estávamos juntos naquele momento, e a possibilidade de haver um “nós” crescia de forma exponencial.

Eu sentia minhas pupilas se dilatarem, absorvendo toda a luz.

A sensação mais maravilhosa, o momento mais maravilhoso.

Mágico, até.

Mas também torturante.

Eu queria muito um segundo beijo.



De repente, eram duas da manhã.

A equipe do bar anunciou que estavam fechando e educadamente nos despachou para a calçada fria.

Uma lua nova se equilibrava acima do horizonte.

Parados na calçada, abraçados um ao outro enquanto um rio de pessoas passava correndo, nos beijamos sob a luz neon.





15.

Eu não queria que a noite acabasse, mas também, talvez pela primeira vez na vida, não queria ir rápido demais.

Havia algo especial na nossa conexão que precisava de cuidado. Algo pelo qual valia a pena esperar.

Byron propôs que fôssemos até seu apartamento em Double Bay e levássemos a noite adiante com uma taça de vinho.

Quis muito dizer sim. Sabia que não podia confiar em mim mesma.

Felizmente, eu tinha uma desculpa impossível de ser contestada.



Eu havia combinado de tomar conta de Lea, a gata de um amigo que estava passando alguns dias fora.

Eu estava ficando em seu apartamento em Chippendale, para garantir que Lea fosse bem cuidada.

Sempre tive uma queda por gatos.

Durante o encontro com Byron o tempo e o espaço se dissolveram em uma maravilhosa ausência de significado.

A realidade bateu à porta quando me dei conta de que estava longe de Lea havia muito mais tempo do que esperava.

Eu precisava voltar, me certificar de que ela tinha comida e água, e que não estava presa em cima da estante ou dentro de uma gaveta da cozinha.





Ela era uma sem-vergonha corajosa e bigoduda.



Byron aceitou minha justificativa com desenvoltura e boa vontade.
Sem perder tempo, ele se ofereceu para me acompanhar até em casa.
Fiquei secretamente satisfeita com a pontinha de decepção que não conseguiu esconder.

Havia poucas chances de encontrarmos um táxi livre àquela hora.
E a ideia de interromper o embalo do romance para esperar um Uber no frio era simplesmente...

Não.

Queríamos que aquela noite terminasse nos nossos termos.

Fogos de artifício do início ao fim.

Sentindo nossa necessidade comum de manter a trajetória emocional,

Byron sugeriu irmos a pé.

Ou talvez a ideia tenha sido minha.

Eram vinte minutos do bar até Chippendale.

Um pouco mais de salto alto.

Byron envolveu minha mão na dele.

Se meus pés doíam, não notei.



Lea aguardava minha chegada como uma tia ansiosa, ou uma acompanhante aflita que pegara no sono durante o trabalho.

A tentação de convidar Byron a entrar era forte, mais forte do que a gravidade.

Felizmente, ele não tinha expectativas e, se tinha, não forçou a barra.

Nós nos despedimos na porta, enquanto Lea fazia um número oito ao redor dos meus tornozelos.





Dei um beijo de boa-noite em Byron e, quando ele se virou para ir embora, chamei-o de volta e lhe entreguei o dinossauro do meu drinque.

Um gesto bobo.

Mas queria que Byron acordasse com evidências físicas do nosso encontro.

Para lembrá-lo do que tinha acontecido.

Para que soubesse que os sentimentos que compartilhamos eram reais.

Ele riu, eu sorri.

E ele se foi.

Soltei a respiração presa em um longo suspiro.



Me acalmei, dei comida a Lea, tirei os sapatos e liguei para minha mãe em Caxias do Sul.

Ela estava no intervalo do almoço no trabalho.

Contei que tivera um encontro com alguém muito especial.

– Ele não é bonito de um jeito clássico – eu disse. – Mas é o homem mais bonito que já vi.





CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

